

CINEMA E EDUCAÇÃO: A SÉTIMA ARTE E O FAZER PEDAGÓGICO

José Antonio Klaes Roig
*Educa Tube Brasil: blog educacional -
joserioig7@hotmail.com*

O grande escritor Erico Verissimo (1905-1975), na autobiografia Solo de clarineta (1973), indica ao leitor que sua educação primeira foi cinematográfica, ou seja, antes mesmo de adentrar à escola. Que o cinema primeiramente francês, depois o norte-americano foram responsáveis em grande parte por sua economia sentimental. E mais: pode-se perceber em sua narrativa, aspectos cinematográficos, como os constantes flashbacks, travellings e outros recursos visuais, para chamar a atenção do leitor. Com base nisso, posso dizer que a minha geração, que veio após a do escritor cruz-altense, teve uma educação cinematográfica através da televisão, na chamada “Sessão da Tarde”, que remetia às matinés do cinema. Já meu filho, como um “Padawan”, pertence a uma geração audiovisual, em que os multimeios, os jogos eletrônicos e a internet fazem parte de sua bagagem cultural e educacional.

O educador do século XXI precisa ter

essa consciência de que direta ou indiretamente o cinema continua presente no cotidiano das pessoas, seja na tela grande de estabelecimentos que ainda não se tornaram garagens coletivas ou templos religiosos, seja em shoppings centers, também em telas menores na sala de casa, no famoso “Cine Pipoca” familiar e nas telinhas dos smartphones dos jovens. Não importa o local, mas o conceito cinema continua presente a cada geração, integrado às novas mídias: YouTube, Netflix, blogs, portais etc.

O aluno é produtor de material audiovisual ainda que não tenha essa preocupação educacional, cabendo ao professor dar essa formatação. Existem inúmeros canais de vídeo em que alunos têm vasta produção de material audiovisual sobre jogos, livros, filmes etc. Cabe ao professor se integrar a esse processo, primeiramente disso, como um Indiana Jones, fazendo uma arqueologia de sua memória audiovisual (filmes, vídeos, curtas, documentários

etc.) que assistiu quando aluno; para a seguir, como um mestre Jedi com seu sabre de luz, enfrentar as inúmeras possibilidades de uso deste material na sala de aula. Mestre não é apenas aquele que possui um mestrado, mas o que consegue passar aos outros a sua rica experiência de vida.

Neste com texto audiovisual, em que alunos produzem vídeos com seus celulares ou câmeras fotográficas, criam um canal no YouTube e lá depositam farto material, cabe perguntar: E o professor quando fará o mesmo, de forma mais ampla, e não apenas pontual? Quando se apropriará do YouTube como muitos professores fizeram com o blog, tornando-o uma ferramenta de interação além da sala de aula? Possibilitando este canal se tornar uma rede social educacional. Mais que isso: um canal de vídeos de professor no YouTube é mais que um repositório institucional de sua prática escolar e um canal de interação com seu aluno e comunidade. É um espaço de aprendizagem e uma biblioteca viva, por conta do acervo que passa a ser disponibilizado, compartilhado com outros educadores que podem ser influenciados, adaptando certas ideias à sua realidade local.

O cinema é a linguagem ideal para esse primeiro passo, pois trabalha com o imaginário que é universal. Através de um curta-metragem, de uma animação, de slides, de

documentários e outros vídeos pode-se produzir em coautoria com os alunos um material inestimável que inspirará aquela turma, outras turmas, a escola, outras escolas e por aí vai.

O cinema na educação pode ser pensado como recepção e produção. Recepção, à medida que poderão ser utilizados filmes, curtas, documentários de terceiros dentro de uma proposta político pedagógica, adaptado na íntegra ou em partes (uma cena, por exemplo), para discutir certos conteúdos e competências educativas. Enquanto produção, o desafio e as possibilidades são maiores, pois, o professor — em parceria com outros educadores e/ou com seus alunos — passará a ser diretor, produtor, editor de conteúdo próprio, autoral, que poderá ser disponibilizado em sua turma, para a escola, para outras escolas ou para o mundo, através dos já mencionados canais no YouTube, em blog, redes sociais etc.

Havendo uma produção consistente na escola, de dois, três ou mais educadores, é possível pensar em um festival de vídeos educacionais, com temática livre ou sugerida, para que os próprios alunos e a comunidade participem, assistindo, avaliando, votando e premiando. Estimulando a participação coletiva, o senso crítico, a criatividade e a integração do conteúdo e do fazer pedagógico via sétima arte.

Enfim, o cinema na educação permite